



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA

Preço: €2,5

Publicação Quadrimestral

N.º 57
Abril 2009

Voz da Terra

Grandiosa Concentração Nacional

Lisboa - 26 de Março de 2009



CADERNO TÉCNICO: O Nemátodo da Madeira do Pinheiro

SUMÁRIO

FICHA TÉCNICA 2

EDITORIAL

Sim, nós queremos produzir em Portugal
para alimentar melhor os Portugueses
e toda a População! 3

DESTAQUE

Mais de 7000 Participantes na Grande
Concentração de Agricultores e do Mundo
Rural 4-8

CADERNO TÉCNICO

O Nemátodo da Madeira do Pinheiro 9-24

NOTÍCIAS

APL lança Moção em consequência
da crise no Sector Leiteiro 25-26

Não chega a propaganda para apagar
os fogos florestais 27

Ministro da Agricultura esconde a verdade
com a repetida propaganda dos “milhões”
para a Lavoura 28

CNA reclama ao Governo a urgente
reformulação do ProDeR 29

INTERNACIONAL

CNA envia à Comissão Europeia da Agricultura
um pacote de leite português embrulhado
nas reclamações do Sector Leiteiro 30



A CNA está filiada na
Coordenadora Europeia
Via Campesina

**CNA**

Pessoa Colectiva de Utilidade Pública

Edição

CNA – Confederação Nacional da Agricultura

Morada

Rua do Brasil, n.º 155 – 3030-175 COIMBRA

Tel.: 239 708 960 – Fax: 239 715 370

E-mail: cna@cna.pt

URL: www.cna.pt

Delegação em Lisboa

Rua Jardim do Tabaco, 90-1º-Dtº

1100-288 LISBOA

Tel.: 213 867 335 – Fax: 213 867 336

E-mail: cna.lisboa@cna.pt

Delegação em Vila Real

Rua Marechal Teixeira Rebelo,

Prédio dos Quinchosos, Lt. T, Apart. 158

5000-525 VILA REAL

Tel.: 259 348 151 – Fax: 259 348 153

E-mail: cnavreal@sapo.pt

Delegação em Évora

Rua 5 de Outubro, 75 – 7000-854 ÉVORA

Tel.: 266 707 342 – Fax: 266 707 317

E-mail: cna-alentejo@mail.telepac.pt

Delegação em Bruxelas

Place Bara, 18, Entresol – 1070 BRUXELAS

Tel.: 0032 2 5273789 – Fax: 0032 2 5273790

Título

Voz da Terra

Director

João Dinis

Coordenador Executivo

Adélia Vilas Boas

Fotos

Arquivo da CNA / Miguel Cruz / AFN

J. D. Eisenback / INRB

Colaboradores neste número

Isménio de Oliveira

José Miguel Pacheco

Redactor da Separata “Caderno Técnico”

Miguel Amaral

Periodicidade

Quadrimestral

Tiragem

10 000 exemplares

Depósito Legal

N.º 117923/97

Registo de Publicação ICS

123631

Composição, Fitolitos e Impressão

AT-Loja Gráfica, Lda. – Porto

Os textos assinados

são da responsabilidade dos autores

Sim, nós queremos produzir em Portugal

para alimentar melhor os Portugueses e toda a População !

A Voz da Terra retoma a sua publicação da melhor maneira!

Sim, foi uma grandiosa Concentração Nacional aquela que se realizou no dia 26 de Março de 2009, em Lisboa.

Correspondendo ao apelo da CNA e das Organizações nela filiadas, mais de 7.000 participantes, Agricultores e Amigos do Mundo Rural, juntaram-se e encheram de determinação, de côm e de brados de protesto as ruas da Capital, entre o Parque Eduardo VII e a Residência Oficial do Primeiro-Ministro, com passagem pela Assembleia da República.

O elevado número de participantes superou as expectativas e também demonstra a crise que a Lavoura vive. Reconfortante foi o apoio manifestado pela População de Lisboa a esta Iniciativa da CNA e Filiadas.

Assim se reafirmaram as principais propostas e reclamações da Lavoura e da CNA, e se expressou o protesto perante a ausência de medidas efectivas de apoio ao Sector por parte do Ministério da Agricultura e do Governo.

Soaram ainda mais alto milhares de vozes indignadas perante a propaganda enganosa do Ministério da Agricultura e do Governo em torno dos “milhões e milhões” alegadamente pagos aos Agricultores, em 2008.

E a julgar pela determinação dos mais de 7.000 Participantes, é de ver que os Agricultores e a CNA vão continuar a levantar bem alto as suas vozes, para lembrar a quem governa que são necessárias outras e melhores políticas agrícolas e de mercados:

– Entre outros aspectos, com preços mais justos à produção; com apoio ao escoamento dos bons produtos nacionais; com a reposição da ajuda à electricidade verde; com o aumento do subsídio ao gasóleo agrícola; com o combate à especulação com o preço dos factores de produção; com uma grande redução das contribuições mensais dos Agricultores para a Segurança Social. Reclamou-se, ainda, a reformulação urgente do ProDeR, Programa de Desenvolvimento Rural, que a CNA quer ao serviço da Lavoura e do País.

É vital para a Agricultura Familiar Portuguesa, e é vital para Portugal, que o Ministério da Agricultura e o Governo ouçam e respeitem as reclamações da CNA e dos Agricultores.

Pelo seu lado, a CNA e Filiadas, *sempre com os Agricultores*, vão continuar em acção na defesa da Produção Nacional, por um Mundo Rural Vivo!

O Executivo da Direcção Nacional da CNA



Mais de 7.000 Participantes na grande Concentração de Agricultores e do Mundo Rural

26 Março, 2009 – Lisboa



Com mais de 7.000 Participantes, excedeu todas as expectativas a grande Concentração Nacional de protesto e reclamação, de Agricultores e Mundo Rural, promovida pela CNA e Filiadas que, no dia 26 de Março, coloriu as ruas de Lisboa, desde o Parque Eduardo VII, à Assembleia da República e à Residência Oficial do Primeiro-Ministro, em S. Bento.

A Direcção Nacional da CNA saúda as Agricultoras, os Agricultores e todos os Participantes nesta grandiosa jornada em defesa da Agricultura e do Mundo Rural e pelo direito a produzir, em Portugal, para alimentar melhor os Portugueses e toda a População.

De facto, e ao contrário do que dizem o Ministro da Agricultura e o Governo, a Agricultura e o Mundo Rural atravessam a pior crise dos últimos trinta anos, muito em consequência das más políticas agrícolas e de mercados.

Mas, apesar das preocupações e das dificuldades, continua a ser forte a determinação de milhares de Agricultores e Amigos do Mundo Rural. Uns e outros marcaram presença em Lisboa, para reclamar por melhores e mais dignas condições para a Agricultura Familiar. Muitos vieram de bem longe, de autocarro e com grande esforço pessoal. Ainda antes de se fazerem à estrada, pela madrugada e na véspera, tiveram de adiantar as suas lides no campo.

Pelo meio-dia, já o Parque Eduardo VII registava uma movimentação diferente: centenas e centenas de Agricultoras e de Agricultores por lá almoçavam de farnel – à base de bons produtos regionais – numa prática tradicional e bem característica do Mundo Rural.

Pelas 14h30, tal como previsto, iniciava-se a Concentração, já bem perto da rotunda do Marquês de Pombal. Aí, algumas intervenções, a



cargo de membros da Direcção Nacional da CNA, congregavam as Gentes e davam o “tom” à iniciativa que se aprestava para arrancar em animado Desfile.

As ruas de Lisboa encheram-se então com a determinação dos Participantes, que reafirmaram as principais propostas e reclamações da Lavoura e da CNA. Essa determinação ficou bem patente nos rostos, nos cartazes e “faixas”, bem como nas palavras de ordem que ecoaram na Capital.



Entre outras, reclamou-se ao MADRP e ao Governo: - preços mais justos à produção; apoio ao escoamento dos bons produtos portugueses; a reposição da ajuda à electricidade verde; o aumento do subsídio ao gasóleo agrícola; o combate à especulação com o preço dos factores de produção; a grande redução das contribuições mensais dos Agricultores para a Segurança Social e, ainda, a reformulação urgente do ProDeR, Programa de Desenvolvimento Rural que a CNA quer “ao serviço da Lavoura e do País”, conforme se lia numa das “faixas” e “panais” exibidos.

Os milhares de Participantes demonstraram também a alta voz a sua indignação perante a propaganda enganosa do MADRP e do Governo, que pretendem veicular a ideia errada de que, alegadamente, foram pagos “milhões e milhões” aos Agricultores, no ano passado.

Reconfortante e animador foi o manifesto apoio a esta iniciativa por parte da População de Lisboa que, às centenas, se integrou no Desfile dos Agricultores e que, aos milhares, o aplaudiu ao longo de todo o trajecto.



A Eurodeputada, Dr.^a Ilda Figueiredo, logo reconhecida por muitos dos Participantes, juntou-se também a esta jornada praticamente durante todo o percurso.

O Desfile “juntou-se” frente à Assembleia da República, onde uma delegação da CNA entregou o Caderno de Reclamações à Subcomissão de Agricultura, Florestas, Desenvolvimento Rural e Pescas, à qual também solicitou uma nova audiência.





Frente às escadarias exteriores da Assembleia, houve espaço para diversas intervenções de Dirigentes e Agricultores. Foram palavras sentidas, de apego à terra e de revolta face às crescidas dificuldades que o MADRP e o Governo não estão a ser capazes de combater. De referir que dois deputados do PCP e um do CDS-PP desceram as Escadarias da Assembleia da República para cumprimentar os Agricultores.



Debaixo de um sol bem quente, reiniciou-se o Desfile até perto da Residência Oficial do Primeiro-Ministro, um pouco mais acima, em São Bento, onde uma barreira policial não permitia um percurso mais directo. Novo reagrupamento do Desfile e alguma (e contida) agitação frente à barreira policial...

Na Residência Oficial do Primeiro-Ministro, uma outra delegação da CNA foi recebida por um seu

assessor, a quem entregou um documento com as principais reclamações da Agricultura Familiar. Reclamações essas que, a serem ouvidas, podem resolver muitos dos problemas que dificultam a vida aos nossos Agricultores. Oportunidade também para se transmitir, uma vez mais, que a CNA continua à espera que o senhor Primeiro-Ministro respeite a democracia e receba a CNA em audiência.



Duas delegações da CNA entregaram o Caderno de Reclamações na Assembleia da República e na Residência Oficial do Primeiro-Ministro

Com o regresso da delegação da CNA, encerrou-se a Concentração Nacional, não sem que novos alertas e apelos tivessem sido renovados perante os Participantes.

Foi tempo, depois, de cada um regressar e fazer a viagem até às suas terras, aos seus campos, com a esperança de que tantas e tão sentidas vozes sejam ouvidas por aqueles a quem compete governar melhor os Portugueses.

Lamentavelmente, antes e depois desta grandiosa Jornada de Protesto e Reclamação da CNA, o Ministro da Agricultura, que persiste em fazer dos Agricultores e das Organizações Agrícolas os seus inimigos principais, manteve o essencial da posição irresponsável do Governo que teima em não reconhecer toda a gravidade da crise que de facto afecta a Agricultura e o Mundo Rural.

Mas, em contraste, nesse mesmo dia, o mesmo Governo propagandeava ainda mais apoios públicos para a alta finança e para os maiores grupos económicos. No caso, são agora 180 milhões de Euros públicos para apoiar "as corticeiras", mas que, na sua quase totalidade, são pré-destinados, pelo Governo, para um conhecido



e grande grupo financeiro e económico, afinal liderado pelo homem dito “o mais rico de Portugal”...

De facto, é bem verdade o que se lia num dos cartazes empunhados durante a Concentração Nacional do dia 26 de Março:

– “Senhor Primeiro-Ministro, a sua conversa acaba nisto:

Prós grandes são os milhões; Prós pequenos são os tostões”.

Mas, a esperança e a determinação não vão esmorecer.

Afinal, no íntimo de todos os Participantes na jornada, também está a convicção: – caso o Ministério da Agricultura e o Governo não tomem as medidas que de facto acudam à crise, então não



restará outra alternativa aos Agricultores, à CNA e Filiadas senão continuarem os seus justos protestos e reclamações !

A Redacção

OFERTAS DE GÉNEROS AGRÍCOLAS OU DE DONATIVOS MONETÁRIOS

A Direcção Nacional da Confederação Nacional da Agricultura, CNA, apela aos Agricultores e às estruturas ligadas ao sector, no sentido de ofertarem Produtos Agro-Alimentares não-perecíveis, com o objectivo de poderem ser convertidos em fundos para apoiar a actividade associativa da Confederação.

As ofertas podem ser entregues directamente à CNA ou às suas Associadas.

Quem pretender fazer uma contribuição através de um donativo monetário poderá fazê-lo para a conta nº 2-3924823000001, do BPI, NIB: 0010.0000.3924823.0001.54

A CNA agradece desde já.

A Direcção Nacional da CNA

GRANDE CONCENTRAÇÃO NACIONAL

26 Março 2009 | 14 h.
Parque Eduardo VII – LISBOA

Agricultores reclamam ao Governo:

- Melhores preços à Produção para: Cereais; Leite; Carne; Fruta; Azeite; Vinho; Batata; Madeira.
- O controlo eficaz das Importações também para melhorar a nossa Qualidade Alimentar.
- A descida do preço de: Combustíveis; Electricidade; Rações; Adubos; Sementes.
- A Redução das Contribuições Mensais para a Segurança Social dos(as) Agricultores(as) para a Segurança Florestais
- O respeito pelos direitos dos Produtores Florestais e Compartes dos Baldios.
- Ajudas Públicas pagas a tempo e horas e distribuídas com mais justiça social.
- Mais investimento público no Sector Agricultura Familiar.
- Mais projectos aprovados para a Agricultura abertos e acessíveis com projectos do Ministério da Agricultura abertos e acessíveis à Lavoura.

Governo tem que nos ouvir!

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA
CNA



GRANDE CONCENTRAÇÃO NACIONAL de Agricultores e Mundo Rural

26 Março 2009 | 14 h.
Parque Eduardo VII – LISBOA

- Aos(as) Agricultores(as);
- Ao Mundo Rural:

**TODOS A LISBOA!
26 MARÇO 2009**

- Defender a Agricultura e o Mundo Rural!
- Defender o direito a produzir em Portugal para alimentar melhor os Portugueses!
- Vamos à Assembleia da República e à Residência Oficial do Primeiro-Ministro!

Governo tem que nos respeitar!

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA
CNA





O Nemátodo da Madeira do Pinheiro

por Miguel Amaral ¹

A floresta portuguesa – dados relevantes

No quadro da União Europeia, Portugal é um país que se destaca pela proporção da sua área florestal. Com perto de 8,9 milhões de hectares de território nacional, os nossos 3,4 milhões de hectares de área florestal correspondem a aproximadamente 35% da ocupação do solo.

Tratando-se de um contribuinte positivo da nossa balança comercial, a importância do sector florestal na nossa economia torna-se evidente ao referirmos que em 2005 representou 9,5% das exportações nacionais com um peso de 1,99% do PIB português. Nos países do espaço europeu só na Suécia e na Finlândia é que o sector florestal adquire maior relevância.

A nível de emprego a fileira florestal emprega aproximadamente 113 000 postos de trabalho directos o que equivale a cerca de 2% da população activa.

De entre as espécies da nossa floresta destaca-se pelos dados do inventário florestal nacional de 2005, a ocupação de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) corresponde

a aproximadamente 711 000 hectares, isto é, cerca de 23% da área florestal total.

O pinheiro bravo é actualmente a principal espécie abastecedora da nossa indústria de serração, carpintaria, aglomerados, mobiliário e celulose. Estas actividades, com excepção das celulosas, movimentaram em 2007 um volume de 2083 milhões de euros.

Dada esta importância justificam-se todos os cuidados na condução da floresta, tanto no que diz respeito à aplicação das correctas técnicas silvícolas, ao ordenamento florestal, conduzindo a situações de equilíbrio sustentável e às questões sanitárias que envolvem os povoamentos. Neste último domínio tem relevância actualmente a praga introduzida nos povoamentos de pinheiro bravo.

Esta nova situação, decorrente da detecção da presença do nemátodo do pinheiro, vai inevitavelmente introduzir alterações de fundo em todo o sector da fileira do pinheiro bravo. Seja porque vão ter que ser assimilados novos comportamentos e práticas culturais, seja porque vai implicar a aquisição de maquinaria por parte dos

operadores (estufas para tratamento da madeira, maquinaria para tratamento dos sobrantes no terreno, etc.), seja porque pode levar a alterações na composição da nossa floresta ao nível das espécies caso o problema não seja adequadamente tratado. O próprio combate ao nemátodo vai provavelmente ter o seu efeito nos preços da madeira de pinho uma vez que os abates sanitários levarão à colocação súbita, não planeada nem faseada, no mercado, de grandes volumes de madeira de pinho, criando com isso dificuldades de escoamento. É também uma conclusão lógica assumir que toda a aquisição de novos equipamentos introduzirá despesas que terão que ser amortizadas em prazos mais ou menos alargados influenciando assim também nos custos de produção. A distorção dos preços pode portanto ocorrer em dois planos; aumento dos custos de produção e descontrolo do planeamento da produção. É contudo importante salientar que em todos estes prováveis efeitos podem ser introduzidas medidas atenuantes e que decididamente o pinheiro bravo não há de deixar de ser uma fonte de receitas, um património de rendimentos financeiros e um valor ecológico da floresta portuguesa.

A descoberta da presença do Nemátodo da Madeira do Pinheiro

A nível mundial a presença do nemátodo da madeira do pinheiro (NMP) está assinalada na América do Norte e no Extremo Oriente (China, Japão, Coreia,...). No território americano não representa uma ameaça severa visto ser considerada uma doença endémica mas não epidémica e como tal estar em equilíbrio ecológico no ecossistema, tendo permitido o desenvolvimento de resistências nas espécies florestais. Nos países asiáticos o NMP

assume já as características de uma epidemia severa devendo-se ao facto de ser um território recentemente colonizado pelo NMP (supostamente de origem americana). Só no Japão estima-se que as perdas anuais de material lenhoso como resultado da acção do NMP ascendam a mais de 1 000 000 de metros cúbicos.

A situação vivida pelos países asiáticos deve ser observada com particular interesse dado que representam regiões em que, à semelhança do nosso país, o nemátodo era espécie inexistente e que teve uma introdução posterior. O estudo da evolução de toda a dinâmica ecológica, económica e sanitária da infecção nessa zona do globo permite-nos contactar com experiências que salvas as devidas diferenças podem ser transportáveis e aplicáveis à realidade portuguesa, com a vantagem de já serem experiências prolongadas.

Durante ano de 1999, no decorrer de um trabalho de investigação, foi detectada, perto de Setúbal, a presença do NMP em exemplares mortos de pinheiro bravo. Tratou-se da primeira vez que esta praga dos pinheiros foi assinalada em território nacional e europeu. Presume-se que a via de entrada em Portugal tenha sido através de material descarregado no porto de Setúbal e ao que tudo indica, através dos indícios genéticos, a contaminação foi originária das populações presentes nas regiões asiáticas.

A descoberta da espécie, identificada por legislação comunitária como espécie de quarentena, impôs a adopção de rígidos mecanismos de controlo. As necessidades de mecanismos de quarentena são evidentes num mundo globalizado onde as mercadorias circulam entre todos os continentes não sendo os produtos florestais excepção.

As exigências comunitárias relativamente à monitorização e à adopção de um

programa de luta contra esta praga florestal não são desprovidas de sentido, visto tratar-se de um dos mais perigosos agentes patogénicos para as coníferas (as espécies florestais resinosas), com particular peri-

giosidade para os pinheiros (género *Pinus*). Tendo em conta os dados estatísticos referentes às existências de pinheiro bravo na fileira florestal portuguesa, estamos bem a par dos riscos que representa para



Figura 1 – Árvore atacada pelo NMP (Foto: AFN)

a nossa economia e para a floresta portuguesa em si a ausência de controlo da praga do NMP.

Logo em 1999 e dada a gravidade da situação foi accionado o Programa de Acção Nacional para Controlo do Nemátodo da Madeira do Pinheiro (PROLUNP) com o objectivo de combater e prevenir a expansão do nemátodo. É no âmbito do PROLUNP e em protocolo com a Autoridade Florestal Nacional (AFN) que a CNA elabora uma série de cadernos técnicos que visam dar a conhecer a problemática da praga do NMP. Neste primeiro caderno pre-tender-se-á dar a conhecer a ecologia desta praga e do insecto vector.

A doença da murchidão dos pinheiros

A doença da murchidão dos pinheiros é uma doença que afecta as coníferas e em especial os pinheiros, provocando uma elevada taxa de mortalidade entre os exemplares afectados, os quais podem morrer muito rapidamente após o contágio. Apesar de serem os pinheiros os principais afectados também as espécies de abetos, cedros e larícios são vulneráveis.

O agente responsável por esta doença é o nemátodo da madeira do pinheiro (*Bursaphelenchus xylophilus*). Trata-se de um verme microscópico com aproximadamente 1 mm de comprimento que se torna



Figura 2 – Exemplares do NMP (Foto J. D. Eisenback)

invisível a olho nu dada a sua natureza translúcida. Os nemátodos são organismos simples, com uma forma tubular, que possuem sistema digestivo, excretório, nervoso e reprodutivo mas que são desprovidos de sistema respiratório e circulatório distintos, dependendo dos mecanismos de difusão e osmose para a realização dessas funções.

O NMP é incapaz de contagiar novos hospedeiros por si mesmo pelo que é dependente de outros organismos (os seus vectores) para se deslocar, num mecanismo que pode ser comparado, de forma grosseira, ao protozoário da malária que, por sua vez, requer um mosquito para poder fazer o contágio dos novos hospedeiros.

O NMP é um organismo micófago, que se alimenta dos fungos que vivem na madeira morta ou nas árvores em declínio. No entanto, é também um organismo fitófago ou seja, alimenta-se de células vegetais e é esta a característica que lhe confere o grande poder destrutivo.

Uma vez dentro do seu hospedeiro o nemátodo reproduz-se rapidamente, chegando a atingir elevados valores populacionais na ordem dos 30 000 nemátodos por cada 10 g de madeira e vai-se alimentar das células epiteliais e do parênquima dos canais de resina. Como é de esperar a produção de resina vai decrescendo, acabando mesmo por cessar por obstrução dos canais, dado o rápido crescimento do patogénico.

Após o ataque inicial o NMP vai-se espalhando gradualmente pelos canais de resina axiais e radiais do xilema (vasos que transportam a água com sais minerais dissolvidos na planta), ao câmbio e aos outros tecidos corticais. O processo de invasão gradual destes tecidos leva à



Figura 3 – Raminho de pinheiro bravo afectado pelo NMP (Foto: AFN)

destruição das paredes celulares e à ocorrência de fenómenos de cavitação (vaporização dos líquidos por redução da pressão) e de embolias (a obstrução dos vasos por presença de bolhas de ar) provocando a interrupção do transporte de solutos. Acima dos 20°C a transpiração foliar é interrompida num espaço de 20-30 dias, o que provoca o amarelecimento das folhas e a sua murchidão. Em dois a três meses a árvore afectada acaba por sucumbir.

Sintomatologia

Um dos sérios problemas que se levantam no combate ao NMP é o facto dos sintomas habituais da infecção deste patogénico não serem específicos da doença e serem muito comuns a uma série

de factores de *stress* de origens distintas, sejam de natureza biótica (relacionada com seres vivos) ou abiótica (relacionada com condições do meio).

O primeiro sintoma a manifestar-se na planta é a redução de produção de resina devido à ruptura dos canais resiníferos e à difusão olearinas para os traqueídeos adjacentes. Pelo que se conseguiu apurar até ao momento, esta redução da produção de resina inicia-se em Maio/Junho, habitualmente com um mês de avanço sobre o aparecimento de sintomas na copa. Visto que a extracção de resina decaiu consideravelmente nas últimas décadas, a redução de produção torna-se um sintoma pouco perceptível.

Os primeiros sintomas externos que ocorrem são o amarelecimento e mur-

chidão das agulhas até atingirem uma tonalidade vermelho-acastanhada, a secura parcial ou total da copa e a existência de ramos quebradiços, todos eles sintomas comuns a diversas causas. É sobretudo no período do final do Verão e princípio do Outono que aparece um maior número de árvores secas ou com copas a secar.

Não existe, como se viu, um método expedito de diagnóstico que possa ser levado a cabo no local, sendo sempre necessário recorrer a análises laboratoriais para se fazer o apuramento de eventuais infecções. Um indício que faça suspeitar da presença do NMP é o aparecimento de muitas árvores com os sintomas descritos, no entanto e tal como se disse, nunca é dispensada a análise laboratorial.

A descoberta de metodologias de diagnóstico expeditas é precisamente um dos eixos da investigação científica que está a ser desenvolvido no âmbito do PROLUNP.

O insecto vector

Como já se referiu atrás o NMP exige a presença de um insecto vector que o dissemine. A nível mundial já foi assinalada a associação do NMP com vários insectos pertencentes às famílias dos Cerambycidae, Buprestidae e Curculionidae, mas são sobretudo os escaravelhos do género *Monochamus* os principais agentes de disseminação do NMP.

Em Portugal existem duas espécies de *Monochamus*, contudo de acordo com os estudos em curso, até à data só o **longicórnio do pinheiro** ou em alternativa **capricórnio do pinheiro** (*Monochamus galloprovincialis*) se revelou como responsável pela propagação do NMP no território nacional.

O conhecimento de toda a biologia do agente vector da transmissão desta doença adquire um carácter vital no com-

bate à ameaça, dado que acaba por ser o elemento mais acessível e visível em torno do qual se podem desenvolver estratégias mais eficazes de supressão. Afinal, suprimindo o vector, o NMP fica totalmente incapaz de infectar novos hospedeiros. Torna-se assim oportuno aprofundar o conhecimento geral da biologia do longicórnio do pinheiro de forma a tornar mais facilmente assimiláveis, pela população e pelos proprietários, os motivos de tantas das medidas de contenção e combate. Um público informado é seguramente um público mais colaborante e até um elemento activo.

O longicórnio do pinheiro foi uma espécie sempre presente e sem particular relevância na ecologia da floresta portuguesa, a ponto de nunca ter despertado particular interesse académico, sendo sintomático dessa situação a escassez de estudos até à descoberta do seu papel de vector. Antes da chegada do NMP o *Monochamus galloprovincialis* tratava-se de um xilófago (insecto que se alimenta do lenho) que só conseguia fazer as suas posturas de ovos em pinheiros já em declínio ou mesmo mortos sendo por isso um xilófago secundário. Os números da sua população dependiam de factores externos que



Figura 4 - Exemplar adulto do longicórnio do pinheiro (Foto: INRB)



influenciassem a sanidade dos pinhais e na ausência de debilidades ou em pinhais convenientemente conduzidos, a população de longicórnios do pinheiro encontrava-se geralmente contida. Só em povoamentos já envelhecidos ou queimados é que as populações de longicórnio eventualmente adquiririam números mais vastos.

Assumindo desde os últimos anos um papel central nesta nova ameaça à floresta portuguesa, foi com naturalidade que começaram a surgir resultados de investigações científicas centradas na ecologia das populações portuguesas deste insecto que podem ter comportamentos e ciclos distintos de outras populações europeias.

O imago (indivíduo adulto) do longicórnio do pinheiro caracteriza-se por ter um comprimento entre os 17 e os 26 mm tendo um corpo negro, bronzeado ou

acastanhado. Possui antenas avermelhadas ou muito escuras ultrapassando as asas anteriores (que protegem as posteriores que estão ocultas) nos machos, sendo mais curtas nas fêmeas. Esta espécie tem pubescência (ocorrência de pequena pelagem) amarelada ou acinzentada em manchas irregulares na cabeça, na parte dorsal do primeiro segmento torácico e nas asas anteriores, formando duas ou três manchas transversais. A cabeça é grosseiramente pontuada e o primeiro segmento torácico é transversal, pontuado e transversalmente enrugado. As asas anteriores são granuladas na base e pontuadas na parte restante e acuminadas no ápice.

Nos estados juvenis, as larvas brancas podem atingir os 4 cm de comprimento quando maduras.



Figura 5 – Larva do longicórnio do pinheiro (Foto: INRB)

Sobre a biologia do longicórnio do pinheiro em pinheiro bravo em território português existem agora estudos que nos permitem apresentar o seu ciclo de vida. Em Portugal sabe-se hoje que o *Monochamus galloprovincialis* adquire a maturidade no espaço de um ano, existindo assim uma geração anual.

Os indivíduos adultos emergem na Primavera, com os machos a emergirem antes das fêmeas (de forma a poderem defender os melhores locais para a postura de ovos), habitualmente entre Maio e Setembro, com um pico no mês de Julho, sendo que ao emergirem voam para árvores saudáveis para se poderem alimentar de ramos jovens. As flutuações no período de emergência aparentam ter relação com as variações de temperatura, sendo que anos quentes tendem a acelerar a emergência do insecto. Os estudos focados na emergência do escaravelho têm permitido que se comecem a construir os primeiros modelos de predição do período de emergência com base na temperatura acumulada.

Depois de um período de maturação que dura duas a três semanas, os dois sexos dirigem-se para árvores enfraquecidas ou recentemente mortas onde acasalam. A fase de postura dos ovos

ocorre durante todo o período de voo do insecto que vai de Maio a Outubro. A postura é feita pelas fêmeas durante sete a nove semanas. Para fazerem a postura as fêmeas usam as mandíbulas para escavar uma depressão na casca onde vão inserir o ovopositor e depositar um só ovo em cada depressão. Cada fêmea durante o seu período de vida, que vai de oito a onze semanas, acaba por depositar cerca de 70 ovos, embora haja alguma insegurança quanto a este número. As zonas da árvore preferidas para a postura dos ovos são a copa e a metade superior do tronco, sendo evidente que na copa os ramos com diâmetros entre os 4 e os 10 cm são os locais favoritos, o que vai ter influência nas estratégias de combate nas zonas afectadas pelo NMP.

Em seis a nove dias após a postura do ovo a larva eclode e vai construindo a sua galeria na zona subcortical. Nos finais do Verão, no Outono e começo do Inverno, as larvas ao atingirem as oito semanas de vida iniciam a escavação de uma galeria no interior da madeira. A galeria tem uma forma oval e está inclinada cerca de 40° em relação ao comprimento do ramo ou do tronco. Na parte terminal a galeria alarga formando uma



Figura 6 – Insecto adulto a emergir do tronco da árvore (Foto: INRB)



câmara pupal da qual parte uma galeria em forma de U rumo à parte exterior da madeira, por onde o indivíduo adulto irá emergir. A larva dispõe-se na galeria com a cabeça virada para a saída que por sua vez está coberta por um opérculo feito de aparas de madeira. A fase do desenvolvimento larvar deste insecto não é ainda bem conhecida, no entanto o novo adulto emerge na Primavera seguinte escavando um buraco circular com 4 a 8 mm de diâmetro no xilema.

Quanto às causas de morte do longicórnio nas suas fases larvares podemos encontrar a acção de alguns fungos, o parasitismo de algumas espécies de vespas e a predação dos pica-paus.

Nas árvores atacadas é possível encontrar como elementos de diagnóstico do seu ataque a presença de raminhos com a casca roída e com perda de agulhas. Poder-se-á encontrar serrim grosso formado por aparas de madeira grossas e de

cor esbranquiçada no tronco das árvores decadentes, mortas ou nos toros. Outro dos sintomas do ataque é o empolamento e rebentamento da casca devido à acção das larvas no floema. A existência de orifícios ovais no lenho indica a entrada de larvas no lenho, a existência de orifícios redondos indica a emergência dos insectos no estado adulto.



Figura 7 - Orifício de saída da árvore provocado pelo insecto adulto do longicórnio do pinheiro (Foto: INRB)

A relação NMP – longicórnio do pinheiro

A relação entre o NMP e o longicórnio do pinheiro tem-se revelado benéfica para ambos os organismos. Se por um lado o NMP adquire no seu vector a capacidade de colonizar novos hospedeiros e locais de reprodução, o longicórnio por sua vez, passando a ter a capacidade de enfraquecer pinheiros por si mesmo, evade-se da sua condução de xilófago secundário, adquirindo assim directamente a capacidade de criar novos locais de postura. Com a associação ao NMP acaba assim a dependência do *Monochamus galloprovincialis* da acção de agentes debilitadores sejam de natureza biótica ou abiótica, podendo agora ser autónomo no

seu processo reprodutivo. É portanto de esperar que sendo portador do NMP as populações do insecto vão ver os seus números ampliados pelo facto de poderem activamente multiplicar os seus locais de reprodução. Desta forma este escaravelho abandona o seu lugar de insecto passivo e ocasional, secundário na floresta e dependente do aparecimento aleatório e irregular de pinheiros enfraquecidos. É agora natural que os desequilíbrios em populações deste escaravelho não sejam exclusivo das áreas envelhecidas ou recentemente percorridas por fogos. Não é também um fenómeno estranho o crescimento oportunista de populações de outros insectos que também requeiram a presença de árvores debilitadas para poderem cumprir os seus ciclos de vida



(Foto: Miguel Cruz)



(Foto: Miguel Cruz)

podendo agravar assim a fitossanidade dos pinhais.

O longicórnio do pinheiro torna-se portador dos NMP ainda antes de estar completo o seu estado adulto. Se uma postura do escaravelho for realizada numa árvore infectada com NMP, as suas larvas vão coabitar com o NMP. Quando a larva de longicórnio atingir o seu estágio de pupa pré-adulta, os NMP presentes na árvore vão começar a migrar para junto da câmara de pupa do escaravelho. Uma vez na câmara de pupa o NMP adquire um estágio resiliente especializado, denominado larva "dauer", que lhe vai servir para estabelecer uma relação com o insecto prestes a emergir. A larva "dauer" do NMP vai-se fixar no interior das traqueias do insecto vector e desta forma torná-lo um seu agente de disseminação e como

tal e por associação um agente de contágio da doença de murchidão do pinheiro. Cada insecto assim contagiado pode carregar em si centenas ou até dezenas de milhares de nemátodos

O longicórnio agora portador do NMP vai ter um comportamento igual aos insectos não portadores, no entanto, durante o seu ciclo de vida e no seu contacto com os pinheiros vai colonizá-los com o NMP. Como já se viu atrás, após a emergência o insecto vector inicia a fase de voo na qual vai passar por um período de maturação de duas a três semanas antes de iniciar a sua actividade sexual. Durante este período de maturação o escaravelho vai-se alimentar, com especial preferência por copas de árvores. É esta a fase que se revelou a da transmissão mais comum do nemátodo para o pinheiro. É sobretudo nos



pinheiro que servem de pastagem de maturação que se vai dar o principal contágio. O nemátodo vai aproveitar este período de alimentação do insecto (que se alimenta da casca e do floema dos ramos nas copas das árvores) para penetrar no interior da árvore, libertando-se da traqueia do seu portador. Recorde-se que o longicórnio não exige que a árvore esteja debilitada para se poder alimentar nela, no entanto, a árvore na qual se vai alimentar, caso a transmissão se consuma, vai acabar por enfraquecer, tornando-se mais tarde um local apropriado para as posturas do insecto. Este processo é o da transmissão primária, ou seja, a transmissão por via das pastagens de maturação. A outra via possível de transmissão do NMP para um novo hospedeiro é através dos insectos fêmeas durante a sua postura dos ovos ao longo

dos ramos e do tronco dos pinheiros. Ao que tudo indica este mecanismo de contágio não é particularmente eficaz não sendo no entanto de desprezar. Este processo via oviposição das posturas é a chamada transmissão secundária. Convém recordar que a postura é efectuada em árvores mortas ou doentes pelo que a transmissão por oviposição pode por vezes não ser a responsável pela morte da árvore. Esta transmissão secundária não é uma via de transmissão comum a árvores saudáveis, é no entanto uma via importante para a criação de novos insectos portadores do NMP visto ser na fase de desenvolvimento de pupa que se tornam portadores.

Uma vez que o nemátodo acaba por ir à boleia do longicórnio acaba por ver a sua disseminação ficar dependente dos

hábitos alimentares do insecto e das suas preferências relativas à postura da sua criação. Esta dependência leva a que a disseminação do NMP numa dada área acabe por ficar restrita a certas espécies,

quando os alvos potenciais do patogénico poderiam estender-se a mais espécies presentes. Curiosamente acabam por ser as preferências do *Monochamus galloprovincialis* a ditar quais os



(Foto: Miguel Cruz)

exemplares que serão contagiados. Assim temos como exemplo a situação actual nas áreas afectadas pelo NMP onde apesar da coexistência de grande número de pinheiros mansos e pinheiros bravos, os primeiros revelaram-se praticamente intocados enquanto os segundos foram severamente atacados, embora ambos sejam vulneráveis à acção do NMP. Laboratorialmente confirmou-se que o longicórnio do pinheiro faz um número de posturas muito reduzidas no pinheiro manso e quando estas ocorrem os ovos não conseguem completar todo o seu ciclo de maturação, facto que possivelmente está na origem desta espécie ser preterida. Também ao nível de pasto de maturação o pinheiro manso é uma espécie que por

norma é rejeitada pelo insecto vector. Isto deixa antever a impossibilidade do insecto conseguir ser hospedado pelo pinheiro manso, pelo que dada a natureza da fileira florestal portuguesa, o combate ao NMP deve-se centrar sobretudo nas áreas de pinheiro bravo. Embora existam pequenos núcleos de pinheiros silvestres e de pinheiros de alepo aos quais se deve dar algum cuidado uma vez que também são bastante vulneráveis à acção do MNP por serem muito apetecíveis para o seu vector. Outro dos dados interessantes é a doença da murchidão do pinheiro só afectar árvores adultas e mais uma vez por serem estas as árvores mais apetecíveis para o vector.

Conclusão

Através deste caderno técnico transmitiu-se, à luz do conhecimento actual, como é que se processa todo o mecanismo de contágio e propagação da doença da murchidão do pinheiro e quais os agentes nela envolvidos. Reconheceram-se o nemátodo da madeira do pinheiro (*Bursaphelenchus xylophilus*) como agente causador da doença e o longicórnio do pinheiro (*Monochamus galloprovincialis*) como vector de transporte. Através do conhecimento dos mecanismos e processos abre-se porta à compreensão das estratégias de combate e de contenção que estão a ser levadas a cabo no nosso território e que serão apresentadas nos próximos cadernos técnicos. É importante ter em conta que



esta ameaça com que nos deparamos apesar da sua severidade é algo que pode ser perfeitamente controlável desde que adoptados os mecanismos correctos. Não nos apresentamos perante a irreversibilidade do declínio da fileira do pinheiro bravo mas tão só esta nova situação vai

obrigar a adaptações que terão que se assumir como permanentes. Terão que ser interiorizados novos mecanismos e métodos de cultura e condução dos povoamentos que a serem devidamente assimilados permitirão mitigar os efeitos da presença da doença no nosso país.



(Foto: Miguel Cruz)

Bibliografia

FERREIRA, M. C. e FERREIRA, G. W. S. – *Pragas das Resinosas*. Lisboa: DGDRural, 2ª ed., 2001. ISBN972-8693-04-4. p. 112.

NAVES, Pedro e SOUSA, Edmundo de – *Threshold temperatures and degree-day estimates for development of post-dormancy larvae of Monochamus galloprovincialis* (Coleoptera: Cerambycidae). *J Pest Sci* (2009) 82:1-6. doi 10.1007/s10340-008-0210-4.

NAVES, P. M.; SOUSA, E. M. e RODRIGUES J. M. – *Biology of Monochamus galloprovincialis* (Coleoptera: Cerambycidae) *in the Pine Wilt Disease Affected Zone, Southern Portugal*. In: Silva Lusitana, 2008, Vol. 16(2): 133-148.

NAVES, P.; SOUSA, E. e QUARTAU, J. A. – *Reproductive traits of Monochamus galloprovincialis* (Coleoptera: Cerambycidae) *under laboratory conditions*. In: *Bulletin of Entomological Research* (2006) 96, 289-294.

OLIVEIRA, H. ... [et al.] – *Impacto do Ataque do Nemátodo da Madeira de Pinheiro na Aptidão Tecnológica como Madeira Maciça*. In: Silva Lusitana, 2008, Vol. 16(2): 149-173.

PIRES, Joana; PENAS, Ana Catarina e BRAVO, Maria Antónia – *O nemátodo da madeira do pinheiro em Portugal*. In: *Investigação Agrária*, Ano 4 nº 6, Junho 2002. ISSN 0874-6133. p. 74-75.

SOUSA, Edmundo; BONIFÁCIO, Luís e NAVES, Pedro – *A Doença do Nemátodo da Madeira do Pinheiro: Situação na Península de Tróia*. Actas do 5º Congresso Florestal Nacional. Viseu, 2005.

SOUSA, Edmundo; BONIFÁCIO, Luís e NAVES, Pedro – *Current Status on Research and Management of Pine Wilt Disease in Portugal*. Proceedings International Symposium on Pine Wilt Disease, Seoul, Korean Forest Research Institute, Dec 10, 2008. p. 17-28.

SOUSA, Edmundo de ... [et al.] – *Bursaphelenchus xylophilus* (Nematoda; Aphelenchoididae) *associated with Monochamus galloprovincialis* (Coleoptera: Cerambycidae) *in Portugal*. In: *Nematology*, 2001, Vol 3(1), 89-91.

VINCENT, Bruno, ... [et al.] – *Competitive interaction between Bursaphelenchus xylophilus and the closely related species Bursaphelenchus mucronatus*. In: *Nematology*, Vol. 00(0), 2007. p. 1-12.

1 O autor agradece aos Investigadores do INRB-INIA Rui Silva, Edmundo Sousa e Pedro Reis disponibilidade e gentileza do acolhimento, as informações prestadas e os elementos bibliográficos facultados.

Associação de Produtores de Leite lança Moção em consequência da crise no Sector Leiteiro



A Associação de Produtores de Leite (APL), em conjunto com a CNA e outras organizações regionais, promoveu uma série de iniciativas de protesto e reclamação dos Produtores de Leite no final do mês de Abril, tendo várias previstas para o mês de Maio.

Na Concentração de Estarreja, a 24 de Abril, foi aprovada uma moção que condensa as principais posições e reclamações dos Produtores de Leite que estão na base das várias iniciativas do género.

Nessas iniciativas, foi aprovada uma moção que condensa as principais posições e reclamações dos Produtores de Leite.

———— M O Ç Ã O ————

A Pecuária em geral e o Sector Leiteiro em especial atravessam **uma grave crise cujas consequências poderão ser dramáticas para muitas famílias e constituir um enorme revés para a Produção Nacional.**

Esta situação deve-se principalmente às más políticas agrícolas e de mercados aplicadas por sucessivos Governos e pela União Europeia que têm provocado a ruína da grande parte das pequenas e médias Explorações Pecuárias Leiteiras.

Entre outros factores, contribuem para a difícil situação:

- A grande baixa do preço do leite na produção, com uma descida de quase 40% no

preço no espaço de um ano (sem especial benefício para o consumidor);

- Os altos preços dos principais Factores de Produção – Rações, Combustíveis, Electricidade, Adubos, Sanidade Animal, etc;

- A falta de escoamento da Produção Nacional de Leite e de Animais vivos (sobretudo bezerros e vacas já fora da produção leiteira); a falta de escoamento da Carne;

- A falta de medidas de apoio efectivo ao sector por parte do Ministério da Agricultura e do Governo;

- As linhas de crédito bonificado, mas a curto prazo, que entretanto foram criadas não resolvem os problemas e sobretudo servem a Banca;

- O aumento desproporcionado – **com a concordância do Governo Português** – das quotas de produção de alguns Estados-Membro da União Europeia, precisamente os maiores produtores/exportadores.

No nosso País, as importações (sem controlo eficaz) desse Leite excedentário processam-se a preços mais baixos devido às melhores condições de produção que auferem os maiores produtores do Centro e Norte da Europa e **originam a concorrência desleal promovida pelas grandes superfícies comerciais no mercado nacional.**

Às políticas erradas de sucessivos Governos para o sector, que nada fizeram nem nada têm feito para defender a Produção Nacional, junta-se a última má opção do actual Governo Português ao não considerar a fileira da Pecuária como sector prioritário no âmbito do ProDeR, Programa de Desenvolvimento Rural, desta

forma reduzindo o valor das ajudas que agora poderiam minimizar as dificuldades existentes.

Entretanto, os principais dirigentes do Movimento Cooperativo Leiteiro não podem querer lavar as mãos como Pilatos.

Com efeito, as suas posições de conluio objectivo com as políticas dos sucessivos Governos e da União Europeia transformaram as Uniões de Cooperativas em empresas cujo único objectivo é o lucro, afastando-se assim do seu histórico papel social e renegando também as suas origens.

Ao mesmo tempo, foram-se servindo da sua posição de dirigentes para auferirem vencimentos principescos em flagrante contraste com as dificuldades que enfrentam os Produtores.

Aqui se reclama o regresso ao verdadeiro espírito do Cooperativismo, com toda a prioridade para a função social das Cooperativas e com a alteração das práticas abusivas da respectiva gestão.

Os Agricultores concentrados em Estarreja, a 24 de Abril de 2009, decidem reclamar ao Governo as seguintes medidas urgentes:

- 1 Compensações financeiras directas ao Produtor de modo a garantir um preço indicativo do leite de € 0,40 por litro, à produção;
- 2 Intervenção do Estado no controlo dos preços dos factores de produção. Aumento do benefício fiscal (subsídio) ao gasóleo agrícola e a reposição da ajuda à electricidade verde;
- 3 Integração da Pecuária nas políticas prioritárias do ProDeR, Programa de Desenvolvimento Rural, do Ministério da Agricultura;
- 4 Aumento do controlo das importações de Leite e Carne e implementação de medidas que garantam o escoamento, a preços mais justos, da Produção Nacional;
- 5 Regulamentar a obrigatoriedade das embalagens das “Marcas Brancas” indicarem o País e Região de origem dos produtos;
- 6 Suspender temporariamente o pagamento das prestações contributivas dos Agricultores para a Segurança Social, sem perda de direitos;
- 7 Combate à especulação com os preços no Consumidor;
- 8 Criação de medidas de apoio à recolha organizada da Produção Leiteira nas zonas de interior, e Regionalização da Quota Nacional Leiteira;
- 9 Criação de linhas de crédito bonificado e a longo prazo para desendividamento e investimento nas Explorações Pecuárias. Criação de um Seguro Pecuário favorável aos Agricultores;
- 10 Que o Governo Português não abdique do sistema de Quotas de Produção Nacionais, condição indispensável para a nossa Produção Leiteira.



Não chega a propaganda para apagar os fogos florestais

Por Isménio de Oliveira

Bastou um súbito aumento da temperatura no mês de Março de 2009 para que o espaço rural entrasse numa espiral de pequenos e grandes incêndios, trazendo de novo a intranquilidade e os habituais prejuízos económicos, sociais e ambientais do mundo rural.

O drama destes incêndios, que deflagraram particularmente no Norte do País, exige uma reflexão profunda sobre a situação em que se encontra a floresta portuguesa e o dispositivo necessário para a prevenção e combate aos incêndios florestais, um drama que vem empobrecendo o País, apesar de toda a propaganda governamental de que tudo está no bom caminho.

Para evitar que as principais serras do País e espaços florestais privados sejam prematuramente palco de chamas e cenas dantescas (que pensávamos que só seriam observadas no pino do Verão), não basta exhibir boas intenções ou nobres objectivos em matéria de planeamento previstos na Estratégia Florestal Nacional, no Plano Nacional, nos Planos Municipais de prevenção da luta contra incêndios, nos PROF, PGF's; ZIF's, PUB's; Brigadas de Sapadores Florestais, e todo o manancial do dispositivo de combate, ou ainda das pretensas Centrais de Biomassa que

continuam sem conhecer os resultados dos concursos públicos.

O que é urgente é a valorização do espaço rural e o combate à desertificação do interior, quer com a fixação dos serviços públicos, quer com a atribuição de apoios ligados à produção agrícola; o abandono das propostas de imposição de modelos de gestão em áreas naturais verdadeiramente atentatórios de práticas de uso ancestral; a agilização de apoios ao dispositivo de combate, designadamente às corporações de bombeiros; o investimento decidido nas Matas Públicas, o que implica rejeitar as intenções da sua privatização; o apoio às áreas comunitárias de Baldios e aos seus Conselhos Directivos e Assembleias de Compartes.

Apesar de algumas medidas que podem vir a dar resultados positivos, a mudança de cadeiras, de equipas, chefes e estratégias no Ministério da Agricultura revelam um reconhecimento do próprio Ministério da incapacidade de resolução dos problemas.

Um Governo pode não resolver em definitivo o problema dos incêndios florestais, mas a repetição ano após ano desta situação, pela sua dimensão e consequências, responsabiliza directamente as políticas deste Governo e dos outros anteriores.



Newsletter da CNA

Registe-se e receba as nossas notícias directamente no seu e-mail

Inscreva-se através do site da CNA
(www.cna.pt)

Ou envie-nos um e-mail para
newsletter@cna.pt com o assunto "Aderir"



MINISTRO DA AGRICULTURA ESCONDE A VERDADE COM A REPETIDA PROPAGANDA DOS “MILHÕES” PARA A LAVOURA

O Ministro da Agricultura voltou a divulgar cifras “espampanantes” com as verbas alegadamente pagas à Agricultura e às Organizações Agrícolas durante 2008, dizendo mesmo que 2008 foi um ano “recorde”, em que mais verbas públicas chegaram à Agricultura...

Mas, na pressa de fazer propaganda e de atacar os Agricultores, o Ministério da Agricultura mistura “alhos com bugalhos” e não especifica a que anos anteriores, a que tipo de Ajudas e a que recebedores essas verbas correspondem de facto.

Assim, a alegada “transparência” do MADRP apenas serve para tentar fazer passar a ideia, falsa e perversa, de que os Agricultores e as Organizações Agrícolas “se fartam” de receber dinheiro e ainda por cima protestam...

Ora, na verdade, não é isso que de facto acontece. Vejamos:

1 – No valor total divulgado, estão contabilizadas verbas que o Ministério da Agricultura já devia desde 2004, ou seja, grande parte desse valor corresponde a muitas dívidas do MADRP à Lavoura e que finalmente foram pagas em 2008 embora com anos de atraso.

2 – A maior parte dessas verbas provém exclusivamente de dinheiro comunitário que, bastas vezes, o Ministério da Agricultura retém demasiado tempo sem pagar aos Agricultores.

2.1 – Entretanto, e precisamente devido a tais atrasos “crónicos” nos pagamentos,

milhares de Agricultores e as próprias Organizações Agrícolas tiveram que recorrer à Banca (e pagar juros) para poderem honrar os compromissos assumidos na execução dos vários tipos de projectos.

3 – No caso da CNA, os pagamentos agora referenciados pelo Ministério correspondem, quase na totalidade, a verbas devidas à CNA e Filiadas desde 2004 por serviços prestados aos Agricultores e contratualizados com o próprio MADRP.

4 – Os atrasos crónicos do MADRP e do Governo nos pagamentos das suas dívidas contribuem para a asfixia financeira dos Agricultores, da CNA e Filiadas.

A CNA reafirma que, durante quatro anos seguidos, o actual Governo ainda não pagou um único cêntimo por **novos** projectos de investimento nas Explorações, projectos da iniciativa dos Agricultores e da Lavoura (à excepção do programa VITIS para a Vinha). Ora, este é que é o “recorde” absoluto e absolutamente lamentável do actual Governo.

Acresce que, no âmbito do ProDeR, Programa de Desenvolvimento Rural, o MADRP aplicou uma verdadeira razia ao chumbar a maior parte das candidaturas dos Agricultores a projectos de investimento entretanto apresentados.

Esta é que é a verdade! Aquela verdade da qual o Ministro da Agricultura e o Governo fogem como o Diabo foge da Cruz...



CNA reclama ao Governo a urgente reformulação do ProDeR

Entrámos em 2009 com dois anos de atraso na aplicação do ProDeR, particularmente no que diz respeito a novos projectos, da iniciativa dos Agricultores e da Lavoura, de investimento estruturante nas Explorações. Refira-se também que já em 2005 e 2006 – os dois últimos anos de vigência do AGRO e do AGRIS – não foram aprovados novos projectos de investimento do tipo.

Portanto, são já quatro anos seguidos sem aprovação e execução de novos projectos de investimento estruturante no sector Agro-Florestal. Isto para uma Agricultura que muito precisa deste tipo de investimento. Ora, com tamanhos atrasos na aplicação do ProDeR, o Ministério da Agricultura e o Governo estão a prejudicar os Agricultores e estão a prejudicar a Economia Nacional.

Pelo “andar da carruagem”, Portugal corre já sérios riscos de desaproveitar parte das verbas disponibilizadas pela União Europeia para este período entre 2007 e 2013.

A CNA considera que este ProDeR – Programa de Desenvolvimento Rural é, de facto, um autêntico programa anti-desenvolvimento rural e, por isso, reclama a sua reformulação.

Precisamos de um ProDeR reformulado em que as Explorações Agrícolas Familiares, a Produção Nacional, as Produções Tradicio-

nais, os Mercados Locais e Regionais sejam reconhecidos como sectores estratégicos do ponto de vista social, económico e ambiental.

O “novo” ProDeR deve dar toda a prioridade a critérios e objectivos de natureza social e ambiental, tendo sempre em vista a satisfação das necessidades alimentares dos Portugueses. Deve, pois, ser abandonada a prioridade para os critérios e objectivos do actual ProDeR ao serviço do “agro-negócio” e baseados na teoria-fraude da “competitividade”, da “viabilidade económica” e dos “PIR, Projectos de Interesse Relevante”.

Nesta situação de crise, o ProDeR deve ter como objectivos prioritários a produção, em Portugal, de bons produtos para alimentar melhor os Portugueses e toda a População, e a viabilização do maior número de Explorações Agrícolas Familiares de modo a manter vivo o Mundo Rural.

A reformulação do ProDeR é necessária também para impedir que os maiores recebedores de ajudas públicas – os grandes proprietários e a grande agro-indústria – recebam ainda mais dinheiro público de Ajudas de todos os tipos.

A CNA reclama e Portugal precisa de um ProDeR reformulado que sirva, de facto, o Sector Agro-Florestal e que sirva o País!

CNA envia à Comissão Europeia da Agricultura um pacote de leite português embrulhado nas reclamações do Sector Leiteiro

A CNA enviou no dia 29 de Abril um pacote de leite Português para a Comissão da Agricultura da União Europeia embrulhado num documento com as reclamações do Sector Leiteiro. No âmbito desta mesma iniciativa, também as restantes organizações ligadas à Coordenadora Europeia Via Campesina (da qual a CNA faz parte) enviaram a Mariann Fischer Boel um pacote de leite dos respectivos países.

A crise que afecta actualmente as explorações leiteiras foi provocada pelas más decisões tomadas nos últimos anos pelos Ministros da PAC, estando a conduzir a uma catástrofe social e territorial que será ainda mais agravada se não forem aprovadas rapidamente medidas relativas ao controlo, do preço, produção e distribuição.

Em apenas um ano, o preço do Leite na produção já desceu 40% em Portugal, para os 29 cêntimos, havendo a ameaça de novas baixas.

Em sentido inverso, o preço dos factores de produção, nomeadamente, das rações, gasóleo, energia e adubos, tiveram uma subida exponencial, o que levou a perdas ainda mais significativas no rendimento das explorações leiteiras.

Na reforma da PAC aprovada a 20 de Novembro de 2008 foi rectificada a decisão de terminar com as quotas leiteiras em 2015, um dos mais importantes instrumentos de

regulação do mercado do leite, e, até lá, conceder um aumento progressivo na quota de cada Estado-Membro.

Esta decisão significa o aumento dos excedentes de produção no mercado Europeu, a concentração da produção de leite e a consequente destruição das pequenas e médias explorações, agravada nas zonas deprimidas. Tudo isto com inerentes consequências negativas ao nível social, ambiental, da qualidade e segurança alimentar e do bem-estar animal.

Em Portugal e em resultado das políticas de concentração da produção versus competitividade, desapareceram nos últimos 14 anos mais de 86% das explorações leiteiras nacionais, qualquer coisa como cerca de 76.000 produtores.

Actualmente em Portugal, 80% das explorações não se encontram licenciadas, necessitando de fazer largos investimentos para se adaptarem aos requisitos legais em matéria de ambiente e bem-estar animal, em virtude até da concentração da produção e do aumento dos efectivos.



Em www.cna.pt podem ser lidos os documentos enviados à Comissão da Agricultura da UE, Mariann Fischer Boel.

CONVITE

Este convite deve ser apresentado na recepção para validação. Não pode ser fotocopiado.

Vale 1 entrada



SANTARÉM

CENTRO NACIONAL DE EXPOSIÇÕES

6 A 14 DE JUNHO



FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA

FEIRA DO RIBATEJO

WWW.CNEMA.PT

Portuguese
WineFair
Festival Nacional do Vinho



Salão Nacional da
Alimentação

Salão Nacional do
Azeite



Grandiosa Concentração Nacional de Agricultores e Amigos do Mundo Rural

Lisboa - 26 de Março de 2009



*Sim, Nós queremos produzir em Portugal
Para alimentar melhor os Portugueses e toda a População!*



**CNA sempre com os Agricultores,
em defesa da Agricultura e do Mundo Rural**

O Governo tem que nos ouvir e respeitar!